



Arquiteturarevista

ISSN: 1808-5741

arq.leiab@gmail.com

Universidade do Vale do Rio dos Sinos

Brasil

Bozzi Ramatis Lima, Adson Cristiano

A relação entre a arquitetura e a literatura a partir da crítica, da história e da teoria

Arquiteturarevista, vol. 4, núm. 2, julio-diciembre, 2008, pp. 8-16

Universidade do Vale do Rio dos Sinos

São Leopoldo, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=193615431001>

- ▶ Como citar este artigo
- ▶ Número completo
- ▶ Mais artigos
- ▶ Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe , Espanha e Portugal
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

A relação entre a arquitetura e a literatura a partir da crítica, da história e da teoria

The relationship between architecture and literature from the criticism, history and theory

Adson Cristiano Bozzi Ramatis Lima

Doutorando em Arquitetura e Urbanismo pela FAU-USP

a.bozzi@uol.com.br

Professor da Universidade Estadual de Maringá (UEM), PR

Resumo

Neste texto, pretende-se estabelecer uma relação entre a arquitetura e a literatura, a partir dos domínios da crítica, da história e da teoria, analisando tanto as suas semelhanças quanto as suas diferenças. Nesse sentido, procurou-se refletir sobre o alcance da crítica em arquitetura, a qual, segundo o arquiteto espanhol Montaner (2004), deve restringir-se ao objeto arquitetônico. No sentido inverso a esse pensamento mais restrito, postulou-se a hipótese segundo a qual se pode fazer crítica de textos que, aparentemente, estariam distantes do campo da arquitetura. A partir disso, delimitou-se parte da literatura do século XX como uma possibilidade a mais na elaboração da crítica em arquitetura, ampliando-se, dessa maneira, o seu alcance e a sua tarefa. Este artigo não pretende, todavia, fazer um levantamento exaustivo deste campo, o qual é, reconhecidamente, bastante amplo; sua intenção é discutir algumas questões à luz das teorias pertinentes que foram elencadas.

Abstract

This text attempts to establish a relationship between architecture and literature from the fields of criticism, history and theory, thinking both their similarities as well as their differences. In this sense, we tried to reflect the scope of criticism in architecture, which, according to the Spanish architect Montaner, should restrict itself to the architectural object. In the opposite direction of thinking narrower, suggested the possibility that it could make criticism of texts that would appear to be far from the field of architecture. Starting from this point, it was thought the literature of the twentieth century as a possibility for the criticism in architecture, expanding its scope and its task. This article does not, however, make a comprehensive survey of this field, which is, admittedly, very broad - its intent is to discuss some issues in the light of relevant theories.

Palavras-chave: teoria, crítica, história, literatura.

Keywords: theory, criticism, history, literature.

Introdução

Este estudo pretende compreender a relação entre a arquitetura e a literatura a partir da história, da teoria e da crítica em arquitetura¹. Atualmente, é quase um lugar-comum na teoria literária afirmar que o romance surgiu nas cidades, e que é um fenômeno artístico visceralmente ligado ao incremento da vida urbana, assim como muitas manifestações artísticas (ver Lima e Fernandes, 2000). E é justamente a partir dessa

¹ Este texto é o resultado parcial da pesquisa de doutoramento que realizamos, desde 2007, na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo e que se intitula *Oscilando entre o ser e o Nada: a aventura urbana de Sartre na América*. Como se trata de uma tese que faz uso de textos literários com a finalidade de refletir a arquitetura e o urbano, é imprescindível realizar uma abordagem sobre o método; com este artigo, intentamos justamente discutir a viabilidade e a possibilidade de se fazer crítica em arquitetura e urbanismo, servindo-se de textos que não possuem uma relação direta com esta área de conhecimento.

constatação que pretendemos investigar essa relação, pensando se a crítica em arquitetura, que, como veremos, está normalmente associada aos objetos arquitetônicos e urbanos, pode ser compreendida a partir de textos literários. Esta proposta pode parecer temerária, mas já foi realizada, em diversos níveis, por muitos autores — e, ao longo deste texto, procuraremos enviar os leitores a alguns desses estudos, enquanto urdimos a nossa trama.

Como objetivo inicial, queremos refletir por que certos escritos são compreendidos com fundamento no termo “crítica”, e outros, a partir dos termos “história” e “teoria”. Desejamos, inicialmente, delimitar o espaço de atuação e lançar luz sobre as especificidades de cada uma das disciplinas citadas. Após tais ações, devemos refletir sobre como o estudo de obras textuais que, normalmente, são compreendidas como distantes da pesquisa em arquitetura e urbanismo — como já afirmamos, estamos nos referindo à literatura — podem ser úteis no exercício crítico destas duas áreas. Procuraremos responder a essas e a outras questões nas páginas que seguem. Não pretendemos, todavia, encontrar uma resposta definitiva que esgote as possibilidades de pensamento; objetivamos levantar algumas indagações e procurar caminhos para suas respostas. Consideraremos, inicialmente, a crítica, para, após, determinarmos, com mais precisão, as questões da teoria e da história.

Em um curto livro, o arquiteto espanhol, Josep Montaner, assim determina a tarefa da crítica: “A sua missão é interpretar e contextualizar; pode-se entendê-la como uma hermenêutica que desvela origens, relações, significados e essências” (Montaner, 2004, p. 11, tradução nossa). Como podemos observar, Montaner determina a crítica, por um lado, como uma “arte de interpretar”, no sentido de estabelecer uma esfera de conceituação na qual uma dada obra seja avaliada mediante um juízo crítico; e, por outro lado, como uma espécie de “arte de tecer e entrelaçar” os fios que determinarão a própria visibilidade da obra, uma conexão de inter e intra-relações. Mais adiante, o arquiteto espanhol precisa o próprio objeto da crítica: “A autêntica crítica de arte e arquitetura deve desenvolver-se, no entanto, na presença do original, no seu próprio local. O historiador e o crítico literário trabalham, ao contrário, a partir de reproduções e documentos, no espaço da biblioteca ou no arquivo” (Montaner, 2004, p. 13, tradução nossa). O fator da “presença”, entendida aqui como a visibilidade do objeto, é, para o arquiteto espanhol, fundamental para a construção da crítica. Não haveria crítica senão no encontro do crítico com o seu objeto no espaço da presença do próprio objeto, e tal asserção parece-nos justificável, a partir do simples fato de que a compreensão de um objeto tridimensional não se dá por meios bidimensionais. Neste caso, a fotografia de uma construção não seria ainda a presença do objeto, mas um registro indicador da sua presença.

Assim, e a partir das asserções de Montaner (2004), deveríamos concluir que a crítica arquitetônica não se dá senão nesse espaço da presença? Se concordarmos com isso, devemos assumir, então, que muitos textos produzidos sob o epíteto de crítica deveriam ser compreendidos de outra maneira — talvez como história ou teoria, uma vez que investigam questões fora da presença, no espaço formado por documentos textuais. Devemos, então, diante da dificuldade anunciada, prosseguir com as nossas argumentações e multiplicá-las para estabelecermos a natureza do que aqui se apresenta. Isso equivale a investigar a natureza tanto da teoria quanto da história.

A questão da qual ora tratamos é, ao menos aparentemente, simples: quais elementos fariam com que um texto que tivesse como objeto uma obra arquitetônica fosse considerado de ordem teórica? Como desenvolvemos alhures (Lima, 2005), nem a arquitetura nem o urbanismo podem ser considerados ciências: não são capazes de determinar com a precisão necessária um corpo de princípios de aplicabilidade geral; em arquitetura e urbanismo — e principalmente neste último — o que é particular o é na sua própria particularidade irredutível. Como sabemos, uma obra arquitetônica dificilmente se deixa apreender a partir dos conceitos construídos em outras obras — a não ser, evidentemente, como uma descrição formal ou como analogia, que não são exatamente procedimentos científicos. Dizendo claramente, não há teoria da arquitetura e do urbanismo que não seja teoria de uma ciência: Ciências Sociais, Economia Política, Filosofia... Estamos diante, então, de uma *téchne* cuja *espisteme* é um empréstimo e não uma transferência (ver Choay, 1996). Nesse sentido, é possível dizer que os ensaios sobre arquitetura e urbanismo poderiam ser compreendidos como uma teoria apenas se os considerarmos como uma investigação que se realiza a partir de um corpo teórico tomado de empréstimo. De fato, há muito de Ciências Sociais, de Filosofia, de Economia Política e mesmo de Teoria Literária em muitos ensaios sobre arquitetura². E se a nossa afirmação é válida, em que bases está fundamentada? A teoria afirma determinações gerais ao particular e desde o particular — assim, não haveria em arquitetura nenhuma busca, ou algo próximo disso, de uma eleição de regras de aplicação geral. Poderíamos declarar, então, que a sua busca, ou, ainda, o seu caminho, é apontar justamente para a particularidade e para a multiplicidade do real.

Assim, uma outra via de investigação que se abre aqui é, justamente, a história. Devemos pensar, assim, a possibilidade de se escreverem textos de caráter histórico em arquitetura. No entanto, antes de afirmar algo, é necessário perguntar o que é a história. Naturalmente que não pretendemos responder a esta questão no corpo deste breve texto, mas, assim como fizemos com o conceito de teoria, é importante estabelecer uma delimitação mínima no espaço em que uma questão pode ser inserida. Nesse sentido, e à guisa de ensaio, podemos afirmar que história é a ciência que recolhe, determina e investiga o passado e cuja operação se dá por meio de uma narrativa. Esta sumária definição tem, ao menos, a vantagem de mostrar-nos que há um recorte preciso. Não são história os textos nos quais não há a preocupação de recolher os fatos e, a partir deles, urdir uma trama narrativa na qual esses fatos aparentemente dispersos possam ser recompreendidos e ressignificados. É preciso compreender a diferença radical entre tecer as relações possíveis entre os fatos particulares e tecê-los em uma trama linear, como é o papel da história³. Ora, ninguém

² À guisa de ilustração, cito o livro de Panofsky, *Arquitetura Gótica e Escolástica* (2004). Aqui, comprehende-se a arquitetura como um domínio que, ao menos aparentemente, ser-lhe-ia exterior: a filosofia. Envio o leitor, igualmente, para o livro *A formação do homem moderno visto através da arquitetura*, obra do professor mineiro Antônio Calos Leite Brandão (2002). Sobre a relação entre a arquitetura como ato de se abrigar e a filosofia, remeto o leitor ao meu artigo intitulado *Habitares habitus: um ensaio sobre a dimensão ontológica do ato de habitar* (Lima, 2007).

³ Apenas para ilustrar a complexidade da tarefa da História, citamos o historiador francês Paul Veyne (1998, p. 207), que, ao discutir a obra de Foucault, expressa-a nos seguintes termos: "Primeira consequência: tal referente não tem tendência a tomar esse ou aquele rosto, sempre o mesmo, a vir a ter tal objetivação, Estado, loucura ou religião; é a famosa teoria das descontinuidades: não existe "loucura através dos tempos", religião ou medicina através dos tempos. A medicina anterior à clínica só tem o nome em comum com a medicina do século XIX, alguma coisa que se pareça um pouco com o que se entende por ciência histórica no século XIX, nós o encontraremos não no gênero histórico, mas na controvérsia (ou, dito de outra forma, o que se assemelha ao que chamamos de História é a *Histoire des variations*, livro, aliás, sempre admirável e leitura que se devora, e não o ilegível *Discours sur l'histoire universelle*). Em resumo, em uma certa época, o conjunto das práticas engendra, sobre tal ponto material, um rosto histórico singular em que acreditamos reconhecer o que chamamos, com uma palavra vaga, ciência histórica ou, ainda, religião; mas, em uma outra época, será um rosto particular muito diferente que se formará no mesmo ponto, e, inversamente, sobre um novo ponto, se formará um rosto vagamente semelhante ao precedente. Tal é o sentido da negação dos objetos naturais: não há, através do tempo, evolução ou modificação de um mesmo objeto que brotasse sempre do mesmo lugar" (Veyne, 1998, p. 268-269). Segundo o pensamento de Foucault tal como no-lo expõe Veyne, poder-se-ia dizer que, assim como não há nem

negaria o caráter histórico a livros como *An outline of European architecture*, de Nikolaus Pevsner (1994), e *Histoire de l'architecture*, de Auguste Choisy (2000). Ambos atuam tanto no sentido sincrônico — as escolas, as variações nacionais e regionais — quanto no sentido mais propriamente histórico: o diacrônico, com a sucessão temporal das variações arquitetônicas: Páleo-Cristão, Românico, Gótico e assim por diante. Por outro lado, ninguém diria que é histórico um livro como o do filósofo francês Gaston Bachelard (1988), o já influente *A poética do espaço*. Esse livro pode ser compreendido com mais propriedade como uma espécie de estudo do espaço nas imagens poéticas a partir da fenomenologia — temos, dessa maneira, duas “teorias”: a disciplina conhecida hodiernamente como estudos literários e a filosofia . Poderíamos arguir, no entanto, que não se trata, nesse caso, de um texto que tenha como objeto a arquitetura, mas que se constitui um estudo sobre o espaço em literatura. Deve ser levado em consideração, todavia, que o ponto de partida de Bachelard (1988) é o espaço construído, e mais precisamente, o espaço da casa — e é justamente o tema que o determina como um livro de teoria que tem como tema a arquitetura.

Ainda sobre essa questão, é necessário afirmar que não podemos imaginar que cesuras e recortes possam ser determinados com absoluta precisão: não há texto de caráter histórico no qual a teoria esteja absolutamente ausente. Aliás, é importante esclarecer que, em qualquer texto histórico, já está implicada uma questão teórica: a natureza da narrativa histórica que se realiza; assim também, não há teoria sem história, uma vez que os fatos devem estar entrelaçados e entretecidos para uma determinação conceitual. Mesmo o texto de Bachelard (1988) faz, implicitamente, história, ao eleger um recorte temporal: ele analisa e investiga imagens poéticas em autores que lhe eram contemporâneos. Não faria sentido para o estudo por ele empreendido tratá-las em poetas medievais; de nada lhe serviria pensar a imagem poética em, por exemplo, François Villon (1988)⁴. O que afirmamos é, inicialmente, que não há texto homogêneo, isto é, um texto que possa ser determinado apenas a partir de uma única visada, e que tenha sido construído desde um único ponto de vista ou perspectiva, sejam estas históricas ou teóricas; e, igualmente, que há textos que podem ter sido construídos — prioritariamente — a partir de um pensamento histórico ou de um pensamento teórico⁵. Assim, reiteramos, ninguém divergiria da constatação de que o livro de Auguste Choisy (2000), *Histoire de l'architecture*, é, essencialmente, um texto histórico, assim como poucos negariam que o livro de Erwin Panofsky (2000), *Idea: a evolução do conceito de belo*, apresenta e desenvolve reflexões, basicamente, teóricas⁶.

Isto nos remete diretamente à abertura deste texto: a pertinência do uso do termo “crítica” e a sua tarefa essencial. É importante, e mesmo fundamental, compreender que não existe um conceito definitivo com limites absolutamente precisos; pensar dessa maneira é tomar o uso dos termos como uma espécie de “fetiche”, é acreditar que os signos lingüísticos não são arbitrários, mas, ao contrário, que correspondem

medicina nem loucura através dos séculos, também não há uma arquitetura nem uma arte através dos séculos; tudo o que há são as variações de um certo tema, e a trama não seria exatamente linear...

⁴ Poeta francês nascido, provavelmente, em 1431, e cujos traços foram perdidos em 1463. As suas obras mais conhecidas são *Ballade des dames de temps jadis* e *Ballade des pendus*.

⁵ Já é bastante conhecida a relação que Manfredo Tafuri estabelece entre crítica e história: “Enquanto destinada a reconduzir as obras ao âmbito de contextos mais gerais e no momento em que põe a hipótese de um papel histórico, a crítica delimita um campo de valores, dentro do qual é possível atribuir significados unívocos à arquitetura” (Tafuri, 2004, p. 261).

⁶ E é, naturalmente, inegável o fato de que a história, neste texto, já está posta desde o subtítulo, com o uso do termo “evolução”.

exatamente às coisas nomeadas. Nesse sentido, é necessário compreender os conceitos no espaço da sua abertura, e, a partir dessa operação, estender o seu alcance.

Literatura, uma tarefa a mais para a crítica

Neste momento, podemos passar a nossa segunda operação, isto é, focalizar a crítica em arquitetura e urbanismo que não exercida em obras arquitetônicas, mas em textos literários. Mediante essa proposta metodológica, uma dúvida é pertinente: seria possível uma crítica arquitetônica fora da visibilidade da presença? Isto é, seria correto imaginar que a crítica, assim como a história e a teoria, seja possível fora da dimensão cuja expressão foi por nós cunhada, o “espaço da presença do próprio objeto”? Essa questão nos remete ao papel fundamental da crítica... Ora, se nos alarmos às asserções de Montaner (2004), isto é, de que a crítica propõe, simultaneamente, as operações de interpretação e de contextualização, devemos conceder que é perfeitamente possível imaginar que tais operações possam ocorrer a partir de documentos textuais.

Mas já imaginamos o leitor a arguir que arquitetura é construção, e não textos... Esta afirmação é dificilmente contestável, e não imaginamos contestá-la, mas abri-la desde o seu interior e inverter a sua lógica não se trata, pois, de transpor esse limite, e sim de alargá-lo e recolher o que se encontra à margem. Porém, não afirmamos, aqui, que um texto pode ser objeto de crítica, o que seria, de qualquer sorte, banal, mas antes estamos indicando que muitos textos — mas não qualquer texto — podem ser objetos de uma crítica arquitetônica. Assim, imaginamos uma crítica arquitetônica que se debruce sobre textos, para proceder à investigação, à análise e à síntese. Nesse sentido, cumpririam a tarefa primordial anunciada pelo arquiteto espanhol: investigar, contextualizar e interpretar questões arquitetônicas.

Essa conclusão tem uma importante consequência: podemos imaginar que textos normalmente considerados às margens do domínio arquitetônico, ou mesmo exteriores a este, possam ser “arquitetonicamente” pensados, isto é, possam ser lidos como se contempla uma obra de arquitetura. Essa asserção pode parecer, inicialmente, desenvolta, e podemos mesmo afirmar que lhe faltam fundamentos. Como ler *A Metafísica* de Aristóteles da maneira como foi sugerido, isto é, “arquitetonicamente”? E, além disso, o que é uma leitura “arquitetônica”?

Nas próximas páginas, teremos a oportunidade de expor o que afirmamos e utilizaremos, como já indicado, o campo da literatura. A eleição deste campo próprio para a pesquisa em arquitetura e urbanismo deu-se devido à proximidade que, como foi aludido no *caput* deste texto, os Estudos Literários estabeleceram com o espaço, de uma maneira geral e, mais especificamente, com as cidades⁷. Gerard Genette já observou que as próprias palavras são, de alguma maneira, espaços: “A nossa linguagem é tecida de espaço” (Genette, 1972, p. 104). Esta breve e bela frase ilustra com muita propriedade o fato de que muitos dos termos lingüísticos, e mesmo aqueles que se referem ao tempo, estão, desde a sua origem, profundamente imbricados com espaço: as preposições “para”, “sobre” e “sob”, por exemplo, designam relações e posições espaciais. Assim, a nossa presunção de que o campo literário está tomado pela idéia de espaço encontra a sua justificativa na

⁷ Indico, como uma leitura introdutória, o seguinte livro de minha autoria: Lima (2006a).

própria escritura. Mas é essencial fazer uma importante distinção: há, certamente, obras literárias para as quais o espaço é um fator determinante e outras nas quais ele seria um simples *décor* ou ambiente⁸.

Entre aqueles escritores para os quais o espaço é um fator importante e restringindo-nos à literatura do século XX, podemos citar Marcel Proust, Gabriel Garcia Marques e William Faulkner⁹. São três diferentes escritores pertencentes a três tradições literárias distintas. Nesse sentido, a nossa escolha pode parecer um capricho ou mesmo voluntariamente heteróclita. No entanto, há um fator comum que os liga: os três são fundadores de cidades, posto que não se contentaram com as cidades existentes — Gabriel Garcia Marques (1982) criou a cidade de Macondo; Faulkner (1984), o condado de Yoknapatawpha¹⁰; e Marcel Proust (1987), a cidade de Combray. Essas três cidades literárias fundadas pelos romancistas, ainda que sejam ficcionais, são uma mescla de cidades, paisagens e espaços sensivelmente experimentados e vividos pelos autores. Combray, para nos restringirmos a um único exemplo, teve como modelo a cidade balneária de Illiers — em 1971, por ocasião do centenário de nascimento de Proust, a cidade prestou-lhe uma homenagem, mudando o seu nome para Illiers-Combray¹¹. Esse fato atesta tanto a relevância de Proust no panorama da literatura francesa quanto mostra a importância no imaginário francês desta cidade ficcional¹². Ora, diante do fenômeno relativamente recente que é a comunicação de massa, que tem força hegemônica, parece-nos um pouco difícil perceber a importância que a literatura e, principalmente o romance, já teve em certos extratos sociais mais eruditos no século XIX e, em parte, do século XX. Os chamados salões literários são a sua prova. É neste sentido — e desde já convocando a nosso favor o *textemunho* da cidade de Illiers-Combray — que a literatura se mostra um material extramente rico em possibilidades para o pesquisador em arquitetura e urbanismo. As razões disso remetem ao que se discutia sobre as cidades, pois estava, de alguma maneira, representado na literatura. Nos textos de Baudelaire, pode-se conhecer, em certa medida e cotejando com textos de outros autores da mesma época, o que teriam representado os trabalhos do Barão de Haussmann para a cidade de Paris e os seus habitantes.

⁸ Tive a oportunidade de abordar a questão do espaço na literatura em um estudo sobre a novela *India Song*, da escritora francesa Marguerite Duras (1991). Ver também Lima (2006b). Envio o leitor, igualmente, para um artigo intitulado *Sartre na América ou memórias de um 'bourgeois épate'* (Lima, 2006c). Neste artigo, analiso as observações que o filósofo francês Jean-Paul Sartre fez sobre a arquitetura e as cidades norte-americanas. As impressões de Sartre estão em dois textos que foram publicados, pela primeira vez, em jornais franceses no ano de 1946, e se intitulam *Cidades da América* e *Nova Iorque cidade colonial*. Esses dois textos, infelizmente, ainda não foram traduzidos para Português do Brasil. Cito, ainda, outro estudo feito por mim, que apresenta esta imbricação entre a literatura e a arquitetura: *Tramando a cidade: poesia moderna e poetas urbanos* (Lima, 2001).

⁹ William Faulkner (1897-1962) é um escritor norte-americano, responsável pela criação de inúmeras e influentes técnicas literárias, como a narração indireta. Em 1949, foi agraciado com o Prêmio Nobel de literatura. Marcel Proust (1871-1922) foi um dos mais importantes escritores franceses do século XX. A sua obra máxima, *Em busca do tempo perdido*, composta de oito volumes, é considerada uma das mais importantes obras da história da literatura mundial. Gabriel García Marquez (1928) é um escritor colombiano e recebeu o Prêmio Nobel de literatura em 1982 por causa do romance *Cem anos de solidão*, o qual, ainda hoje, é considerado a sua obra maior.

¹⁰ Em um desenho do mapa do condado, Faulkner traçou a geografia imaginária do seu espaço, com rios, vales, montanhas e aldeias. A respeito da importância do espaço na sua obra, a crítica literária francesa Monique Nathan (1991, p. 16) escreveu: "Com o correr dos anos ele se refugiou nessa região lendária, nesse espaço mítico que foi a verdadeira morada do seu espírito, a matéria da sua obra, o lugar de suas possessões. Escrevendo, não procurou descrever ou reproduzir o real; quis 'refazer' o real, fazendo cada vez mais semelhante ao mundo que trazia dentro de si e do qual desejava libertar-se. Pouco importa que os cartógrafos não o encontrem nos mapas exatamente conforme o original. Trata-se de milagre de uma criação autônoma que não precisa referir-se ao real para sobreviver".

¹¹ Jean-Paul Sartre, ao criar a cidade de Bouville, espaço ficticional da novela *A náusea* (s/d), teve como modelo a cidade francesa Havre, onde havia trabalhado, nos anos trinta do século passado, como professor de Liceu. No entanto, o filósofo francês, que foi, certamente, o intelectual mais influente do seu século, mas sendo menos unânime que Proust, recebeu, nesta cidade, apenas o nome de uma rua... A observar, igualmente, que, ao contrário do topônimo Combray, Bouville é, certamente, pejorativo, soando um pouco como "cidade da lama".

¹² Para maiores detalhes sobre a literatura de Proust, indico uma leitura introdutória: Mauriac (1989).

Aqui postulamos a hipótese segundo a qual estas três cidades citadas no parágrafo anterior foram tão importantes para o imaginário urbano do século XX quanto as cidades as quais efetivamente habitamos¹³. Ora, sob o ponto de vista da formação de uma cultura e de um imaginário de um espaço ficcional não é menos “real” que um espaço sensível. A sua existência e a sua “espessura” são, certamente, de uma outra ordem: não se habita — no sentido usual deste termo — uma cidade como Macondo, que “existe” na medida em que é lida e recriada pelo leitor como uma imagem literária. A escritura que, segundo Genette (1972), é espacial, torna-se, nesse caso, espaço urbano. E é exatamente esta imbricação — espaço e escritura — que autoriza o que linhas atrás postulávamos: uma ampliação da tarefa da crítica em arquitetura para abarcar, igualmente, textos, e, ainda, textos cujos temas principais não são a arquitetura. Este é, então, o nosso postulado de base: é na busca de um imaginário urbano que uma sociedade se forma em um determinado lapso temporal que devemos recorrer aos textos de caráter literário¹⁴. Nesse sentido, não se trata exatamente de aprender arquitetura com a literatura, mas de apreendê-la, isto é, assimilá-la mentalmente e dela tomar posse. Como exemplo, pode-se citar o trabalho de pesquisa empreendido pelas francesas Monique Eleb e Anne Debarre (2000) e publicado sob o título de *L'invention de l'habitat moderne*. Com o intuito de demonstrar e analisar os usos e costumes em relação à moradia das classes burguesas da cidade de Paris entre os anos 1880 e 1914, as autoras serviram-se de manuais de *savoir-vivre* e do estudo de plantas arquitetônicas de residências, mas uma parte importante do resultado da pesquisa foi extraída dos romances de escritores como Proust e Zola. Ora, estamos diante de uma fonte extremamente rica quando se trata de conhecer os usos e a representatividade social de espaços tais como o *fumoir*, o *boudoir* e os mais diversos salões das residências e apartamentos dos burgueses parisienses. No procedimento metodológico das pesquisadoras francesas, o que a análise das plantas arquitetônicas e dos manuais de *savoir-vivre* não permitiram inferir tornou-se conhecido pela leitura de romances. É certo que estamos diante de uma pesquisa de grande expressão, e não de uma crítica, mas, de qualquer sorte, o empreendimento realizado pelas professoras francesas mostra que ele é possível e viável.

Últimas considerações

Retomamos sumariamente, para a conclusão deste estudo, as duas propostas contidas neste artigo, a saber, o pensamento sobre as diferenças entre a crítica, a teoria e a história, e a reflexão sobre a possibilidade de realizar crítica em arquitetura a partir de textos literários que são, dessa forma, tratados como documentos. Não realizamos, no espaço deste artigo, tal crítica — na realidade, não nos propusemos a isso —, porque o que nos interessa, neste momento, é questionar a sua possibilidade como procedimento de investigação. E convém acrescentar que tal procedimento seria inviável se apenas pensássemos a arquitetura e as cidades a partir do conceito mais “material” de espaço, isto é, de “extensão”; no entanto, se ampliarmos esse conceito, teremos, necessariamente, que incluir outros campos de saber no seu estudo, e, como postulamos ao longo

¹³ Esta afirmação pode parecer peremptória demais, mas estamos nos referindo a extratos sociais limitados e específicos — como a dos consumidores da chamada “alta literatura” — e não à sociedade de uma maneira geral.

¹⁴ Tive a oportunidade de defender esta hipótese apresentando a seguinte comunicação oral no Seminário Internacional “Arquitetura e Documentação 2008”: *Uma questão de método: o uso de documentos literários no estudo do imaginário urbano*. Nesta comunicação, partimos da “Imagologia”, subárea da Literatura Comparada, para propor um método de análise de textos literários. Estava no cerne de nossas preocupações, então, a questão do estatuto ficcional do texto literário e a possibilidade de utilizá-lo para apreender a imagem que certos extratos sociais formam da sua cidade em uma dada época. A supracitada comunicação foi publicada nos anais do evento. Ver Lima (2008).

deste artigo, dentre esses campos, a literatura ocupa um lugar eminentemente. Ora, não foi, certamente, por acaso, que Bachelard (1988, p. 28), no ensaio *A Poética do Espaço*, declarou: "Em seus mil alvéolos, o espaço retém o tempo comprimido. É essa a função do espaço". O espaço, por consequência, tem uma função, e, para o filósofo francês, esta é apreendida nas imagens poéticas. Devemos observar que, quando Bachelard escreve sobre o espaço, ele não está, decerto, pensando-o como "extensão"; ao contrário, está evocando o sentido espacial que uma imagem poética é suscetível de criar. Se consultarmos os temas do seu ensaio, isso se tornará claro: "o sentido da cabana", "casa e universo", "os cantos". Nesse caso, o leitor terá percebido que não são, exatamente, os temas que nos revelam a intenção do autor, mas a maneira como esses são expressos e tratados.

Foi pensando nesse texto — e em alguns outros, de que não temos a intenção de fazer uma lista exaustiva¹⁵ — que defendemos a hipótese segundo a qual a crítica em arquitetura pode se dar sem a presença do objeto e realizada a partir de textos literários que assumem, por essa razão, o estatuto de documentos. O exemplo do filósofo francês apresenta a vantagem de tornar um pouco mais claro o tema deste artigo: as relações entre arquitetura e literatura que, se não são imediatas nem óbvias, tampouco são remotas.

Referências

- BRANDÃO, C.A.L. 2002. *A formação do homem moderno visto através da arquitetura*. Belo Horizonte, UFMG, 239 p.
- BACHELARD, G. 1988. *A poética do espaço*. São Paulo, Martins Fontes, 242 p.
- CHOAY, F. 1996. *La règle et le modèle. Sur la Théorie de l'architecture et de l'urbanisme*. Paris, Seuil, 382 p.
- CHOISY, A. 2000. *Histoire de l'architecture*. Paris, Bibliothèque de l'Image, 800 p.
- DURAS, M. 1991. *India Song*. Paris, Gallimard, 168 p.
- ELEB, M.; DEBARRE, A. 2000. *L'invention de l'habitat moderne*. Paris, A.A.M./Hazan, 535 p.
- FAULKNER, W. 1984. *Absalão Absalão*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 463 p.
- GENETTE, G. 1972. *Figuras*. São Paulo, Perspectiva, 143 p.
- LIMA, A.C.B.R. 2001. Tramando a cidade: poesia moderna e poetas urbanos. In: W.C.F. SALGUEIRO (org.), *Vale a escrita? Poéticas, cenas e tramas da literatura*. Vitória, Programa de pós-graduação em letras, 503 p.
- LIMA, A.C.B.R. 2005. Do nomadismo à cidade — o conceito de urbano na obra de Henri Lefebvre. *Interpretar arquitetura*, 6(8). Acessado em: 23/03/2008, disponível em: <http://www.arquitetura.ufmg.br/ia/>.
- LIMA, A.C.B.R. 2006a. *Arquitessitura — três ensaios transitando entre a filosofia, a literatura e a arquitetura*. Maringá, Editora da Universidade Estadual de Maringá (EDUEM), 208 p.
- LIMA, A.C.B.R. 2006b. As cidades de Duras. *Calígrama — Revista de estudos românicos (UFMG)*, 11:241-251.
- LIMA, A.C.B.R. 2006c. Sartre na América ou memórias de um 'bourgeois épate'. *Cadernos de Arquitetura e Urbanismo (PUCMG)*, 13:15-29.
- LIMA, A.C.B.R. 2007. Habitare habitus — um estudo sobre a dimensão ontológica do ato de habitar. *Arquitextos*, 91:450. Acessado em: 12/03/2007, disponível em: <http://www.vitruvius.com.br/arquitextos/arq000/esp450.asp>.

¹⁵ De fato, não se trata de elencar títulos e autores, mas remeto o leitor, ainda, para o excelente ensaio de Georges Poulet (1992), *O espaço proustiano*.

- LIMA, A.C.B.R. 2008. Uma questão de método: o uso de documentos literários no estudo do imaginário urbano. 2008. In: I SEMINÁRIO LATINO-AMERICANO ARQUITETURA E DOCUMENTAÇÃO, Belo Horizonte, 2008. Anais... Belo Horizonte, CD-ROM.
- LIMA, R.; FERNANDES, C.R. (orgs.). 2000. *O imaginário da cidade*. São Paulo, Imprensa Oficial; Brasília, UnB, 194 p.
- MARQUES, G.G. 1982. *Cem anos de solidão*. Rio de Janeiro, Record, 548 p.
- MAURIAC, C. 1989. *Proust*. Rio de Janeiro, José Olympio Editora, 217 p.
- MONTANER, J.M. 2004. *Arquitectura y crítica*. Barcelona, Gustavo Gili, 112 p.
- NATHAN, M. 1991. *Faulkner*. Rio de Janeiro, José Olympio Editora, 169 p.
- PANOFSKY, I. 2000. *Idéia: a evolução do conceito de belo*. São Paulo, Martins Fontes, 259 p.
- PANOFSKY, I. 2004. *Arquitetura Gótica e Escolástica*. São Paulo, Martins Fontes.
- PEVSNER, N. 1994. *An outline of European architecture*. Londres, Penguin, 496 p.
- POULET, G. 1992. *O espaço proustiano*. São Paulo, Imago, 146 p.
- PROUST, M. 1987. *No caminho de Swann*. Rio de Janeiro, Globo, 378 p.
- SARTRE, J.-P. [s.d.] *A náusea*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 275 p.
- TAFURI, M. 2004. *Teorias e história da arquitectura*. Lisboa, Editorial Presença, 350 p.
- VEYNE, P. 1998. *Como se escreve a história*. Brasília, UnB, 285 p.
- VILLON, F. 1988. *Poesias*. Rio de Janeiro, Guanabara, 208 p.